

*Ensaaios Filosóficos:
Obra completa.*

TERCEIRA EDIÇÃO AMPLIADA



Claudio Donato

***Ensaaios Filosóficos:
Obra completa.***

TERCEIRA EDIÇÃO AMPLIADA

*Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou integral sem a prévia
autorização do autor.*

Claudio Donato



Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: *Claudio Donato* foi aluno de *Luiz Hebeche*, que foi aluno de *Ernilo Stein*, que foi aluno de *Martin Heidegger*.

ENSAIOS FILOSÓFICOS DESTA EDIÇÃO:

Não há nada lá fora...

O Feitiço do Fetiche e o Novo Deus

O Lógos Hegeliano: Resposta à Pergunta “O que é Filosofia?”

A Idéia de Liberdade em Hegel

Schopenhauer: “A Vida é Sofrimento”

O Puro Sujeito do Conhecimento segundo Schopenhauer

Tov Erōtikón (Do Amor)

O Abismo Sagrado

Uma nova concepção de verdade como correspondência

O *Dasein* e o Gerúndio

O Emotivismo de Charles Leslie Stevenson

Pesquisas CNPQ: A ética do cuidado e o conceito de bom

Não há nada lá fora...

Introdução

A filosofia de Spinoza admite uma única substância no mundo e uma identificação ou identidade entre Deus e Mundo (*Deus sive natura*). Esta Substância é considerada como princípio e ordem do mundo, mundo este de atributos finitizados e derivados necessariamente da substância divina. O conceito de necessidade é fundamental para se entender a filosofia spinozana. Uma necessidade de caráter geométrico (como toda a filosofia de Spinoza), o método geométrico da necessidade é o mesmo método da sua Filosofia. Em relação ao livre-arbítrio, Spinoza o nega, mas admite que há liberdade humana. Tal liberdade consiste no reconhecimento e aceitação da necessidade da ordem causal universal, ou das leis causais universais e necessárias; e, principalmente, um reconhecimento de que o ser humano é parte dessa mesma natureza e que, portanto, está sujeito às mesmas leis causais universalmente necessárias. De modo que admitir um livre-arbítrio é admitir a possibilidade de se subverter à lei universal, e isso pressuporia a existência de uma outra lei, lei como vontade livre ou livre arbítrio, lei para descumprir outra lei; que colocaria o fator humano acima das leis da natureza. Mas, se existir duas leis, haverá, além de contradição na natureza, relação entre as leis. Ora, isso não apenas poria por terra a idéia de uma única lei referente a uma única substância, como também nos obrigaria a admitir uma transcendência. Admitir a existência de mais de uma Substância.

O verdadeiro tema deste ensaio é “O Absoluto em Spinoza e o Fator Humano”, mas, num exercício de “licença poético-filosófica”, resolvi, após ter concluído o trabalho, mudar seu tema para: “Não há nada lá fora...”.

Este trabalho é fruto de uma investigação bibliográfica, mas também filosófica. Por isso, além da bibliografia principal (leitura interpretativa e exegética do livro *Ética*, de Spinoza) e da bibliografia complementar, muitos argumentos e considerações serão de cunho pessoal. Desse modo, este estudo é uma leitura pessoal de Spinoza, com base em uma fundamentação teórica.

Pelo caráter provocador e subversivo desta investigação, usarei freqüentemente neste *paper* o conceito *mundo* para designar *natureza*, e utilizarei o termo *Absoluto* para significar (também) *infinito*.

Numa radicalização ainda maior desta licença (que eu mesmo me dei) e desta subversão filosófica, me apropriarei de conceitos hegelianos e heideggerianos, de modo que o texto aqui escrito será um tipo de fio condutor “tendencioso”, apontando para a minha própria filosofia.

A rigor não se trata de uma interpretação teísta ou ateuísta, mas convém frisar que Substância e Deus serão termos sinônimos neste contexto.

As questões abordadas referem-se aos conceitos de Substância, Atributo, Modo, Absoluto, Infinito, Natureza, Liberdade, Necessidade Causal, o Fator Humano, dentre outros; numa tentativa de responder às questões: “O que é?”; “O que é o princípio (arquê) de mundo?”; “O que é Deus?”; “O que é a natureza?”; “O que é o homem?”. “Que mistério há no fator humano?” “Há realmente mistério, ou tudo é óbvio, “claro e distinto” como uma manhã de verão?”

A filosofia spinozana está profundamente arraigada na tradição judáica, e uma interpretação possível para entender a profundidade (interpretada por alguns como mística) de sua filosofia é pressupor uma leitura da Cabala por parte de Spinoza; mas a sua filosofia mesma é fortemente influenciada pelos textos de Aristóteles: é impressionante como parece que estamos lendo o estagirita quando lemos a Ética de Spinoza, o método conciso é realmente o mesmo, mas a filosofia de Spinoza é, certamente, muito mais desafiadora, provocadora, inquietante... Não é sem motivo que Spinoza foi escomungado.

O Absoluto

O Absoluto é a Substância. Segundo Spinoza, a substância é algo que é em si e é concebido por si, isto é, isso cujo conceito não necessita do conceito de nenhuma outra coisa a partir do qual deva ser formado (SPINOZA, 1960).

Segundo Marilena Chauí, é a imanência a própria *nervura do real*, através da qual todas as coisas se conectam, numa relação causal necessária. Ora, causa e efeito somente é possível porque há um Deus imanente: única Substância. Spinoza demonstra na primeira parte da Ética (De Deus) que a Substância Infinita e Absoluta não apenas é *causa de si* como também é causa de todas as coisas (natureza). Como algo pode ser causa de si mesmo e ainda causar outro? Porque se causa a si mesmo, causa algo fora de si e esse algo fora de si deveria ser outro e não si mesmo. A aporia (ou paradoxo) resultante de tal postulação pode ser assim resolvida: a substância é causa de si no sentido arquetípico, porque sendo a Substância única e eterna, no fundo, nunca foi criada realmente, mas sempre foi (ser), até porque algo que seja absolutamente infinito não poderia ser criado, porque seria necessário admitir algo maior (maior que Deus) que o criasse, ou algo fora, algo transcendente. Mas não há nada lá fora...

Assim, a substância única é causa de si no sentido de que, necessariamente, Substância é no mundo (natureza), é natureza. A Substância causa a si mesma imanentemente, ou seja, ela “permeia” a si mesma, é causa eficiente de si mesma (como natureza de múltiplos). Sendo a Substância infinitamente potente, potência infinita, fica evidente que, ao se atualizar como mundo, esta substância permaneça ainda infinita e absolutamente potente (pura potência). De modo que, poderíamos até pensar na Substância (enquanto *arque*), como não-criada, pois a Substância infinita não necessita de nada para Ser ela mesma, nada mais cabe fora dela e nada mais cabe dentro dela, ela é completa e una.

Não há nada lá fora!

E mais, a Substância não criou o mundo. Ou seja, no fundo, nem a Substância foi criada nem o mundo foi criado. O mundo somente poderia ser criado se houvesse um criador, um demiurgo transcendental, mas Spinoza rejeita um Deus transcendente, pois não há nada fora desse mundo. O mundo é causado no sentido que é ato dessa potência. Embora a Substância “cause” o mundo, no sentido de que atualiza-se mundo, por ser a Substância imanente, seria absurdo imaginar algo fora dela. Novamente: não há nada lá fora. De fato: uma natureza que é a própria Substância (imanente) em ato, não poderia ter sido criada jamais, sob pena de rebaixar a Substância (Ser Absoluto) à um ser estranho a si mesmo (estranho ao mundo), uma Substância que seria transcendente e

além mundo. Se fosse assim, se fosse o Deus transcendente, então ele teria criado um mundo, e um mundo outro, outra coisa e não Deus. Ora, Deus (Substância) é mundo!

Mas como explicar a multiplicidade das coisas do mundo? A natureza se apresenta na forma de múltiplas coisas exatamente porque o múltiplo é a única forma de manifestação da Substância. Ora, algo uno e infinito não pode ser observado. A quem ou a quê algo único se mostraria senão a si mesmo? É possível algo se “ver” a si mesmo? Assim, o mundo é a manifestação dessa Substância infinita, esta substância que se mostra em finitos (finitos infinitos ou infinitos finitos). Ou a Substância se mostra imanentemente através da multiplicidade do mundo (necessariamente) ou não se mostra. Se mostrar, aqui neste contexto, significa dizer manifestar. E algo que seja pura potência “corre o risco” de ser nada, nada ser. O que é um ser que seja apenas para si mesmo? O que é algo que seja infinitamente potência, mas que nunca se realize, nunca se atualize?

No livro *Introdução à Metafísica*, Heidegger se faz a pergunta fundamental da metafísica: “por que há o ente e não antes o nada?”. Minha resposta: há o ente porque o absoluto “quer” se mostrar, não um querer mas uma necessidade: o Absoluto precisa necessariamente se revelar (*alétheia*): se mostrar mundo é a única maneira de a Substância infinita se realizar. O mundo atualizado é a própria essência da Substância, pois as coisas do mundo são coisas da substância: são seus atributos. Eis o mistério de ser no mundo, ao mesmo tempo em que ser no mundo é efêmero, fugaz, por um instante o ser é indivíduo, se mantém, mas logo em seguida se dissolve e perde sua frágil unidade, pseudo-unidade. O Absoluto se expressa nesta tênue e provisória realidade (manutenção da identidade e da unidade) do ente, depois, o ente se volta para si mesmo: se volta para o Absoluto. A esta altura da investigação filosófica, o Absoluto de Spinoza parece se identificar com o Uno de Plotino. Mas o Uno de Plotino, ao contrário do Absoluto de Spinoza, é incognoscível e transcendente, um universo no qual a matéria seria expressão do mal: a matéria maligna (corpo) aprisiona a alma, e a única maneira de a alma se libertar do corpo, além da opção da morte, é através do processo de elevação iniciada no entendimento e que culmina num tipo de união mística, fusão com o Absoluto. A alma se “perde”, se “dissolve”, retorna ao Uno. O Uno de Plotino, semelhantemente ao de Spinoza, é indeterminação (é *ápeiron*).

A essência da Substância são seus atributos, mas tais atributos somente podem realizar a substância plenamente através de uma potência, potência infinita.

Necessariamente, “existe somente uma única substância da mesma natureza.” (SPINOZA, 1960, p. 19). E a esta substância são atribuídos infinitos atributos infinitos, de modo que não fique nada fora da Substância.

Não há nada lá fora... Não há nada fora da Substância. Não há nada fora do mundo, e isto é garantido porque há um Deus imanente.

Causa Sui

Um ser que é absolutamente causa primeira de todas as coisas é também causa de si mesmo, no sentido de ser o *arquê* teológico irreduzível, quase um primeiro motor aristotélico, com a diferença de que este primeiro motor, spinozano, não gera outro, mas se “gera” a si mesmo. “Entendo por causa sui aquilo cuja essência implica existência; ou, por outra, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão como existente”. (SPINOZA, 1960, p.11).

Só a Substância infinita é causa de si, é *causa sui*, e nada mais é causa de si. Tudo o mais é “efeito” da substância infinita, é causado por ela. Substância é *arquê* de mundo. O Absoluto é, portanto, causa de si, é em si, é incriado e incausado: tudo o que sua determinação como mundo não é; ou seja, o mundo é efeito, é criado, é causado.

Perguntar se alguma coisa pode dar o ser a si mesma é perguntar se “a natureza da coisa ou a essência de alguma coisa” pode ser tal que não careça de causa eficiente para ser ou existir. Visto que uma coisa cuja essência é tão imensa que não carece de causa eficiente para existir pode dar a si mesma todas as perfeições de que tenha idéia e que sua essência lhe dará eminentemente tudo quanto possamos imaginar que é dado às outras coisas por uma causa eficiente, podemos falar que nela a causa eficiente é uma analogia da causa formal. Além disso, sua essência é tal que tem em si mesma, desde toda a eternidade, todas as coisas que, aqui e agora, poderíamos pensar que ela se daria, se não as tivesse. (CHAUI, 1999, p. 773).

Dizer que Deus é *causa sui* é o mesmo que dizer que Deus é causa de todas as coisas. Mas devemos nos policiar para não inverter o método spinozano (método dedutivo), porque, conforme Chauí, quando se admite que:

Deus é dito causa eficiente imanente de todas as coisas deve ser dito causa de si, porém, ao contrário, que no sentido em que é dito causa de si deve ser dito causa eficiente imanente de todas as coisas, pois, no primeiro caso, teríamos, estoicamente, *Natura sive Deus*, mas é somente no segundo que se pode afirmar, espinozamente, *Deus sive Natura*. (CHAUÍ, 1999, p. 784).

Em outras palavras, Deus é mundo, mas o mundo não é Deus, porque um mundo prescinde de um fundamento teológico (Substância). Substância é *arquê* de mundo e não o contrário. É preciso pressupor uma Substância como *subjectum* de natureza: *Deus sive natura*.

O absolutamente infinito e os seus atributos finitos

De que dignidade ontológica goza as entidades? Como podem os entes “reivindicarem” o direito de ser? É esta a primeira questão que me tira o sono às três horas de uma madrugada de uma quarta-feira, quando aquela “Musa de olhos arregalados”¹ me vem fazer companhia. É este o primeiro questionamento que me vem à mente quando penso sobre o mistério da multiplicidade do entes intramundanos.

Através do conceito de modalidade, presente não apenas na filosofia de Martin Heidegger, mas também em Spinoza, e ainda – se quisermos ir mais longe – na filosofia de Aristóteles (vide as Categorias do Ser), podemos explicar como um ente sujeito à “geração” e à “corrupção” possa ser efetivamente. Ora, o ser “se diz de muitos modos”,² e os entes todos também são de muitos modos, cada gênero de entidade é um modo de ser da própria Substância. De modo que os atributos (conjunto infinito de coisas finitas, chamado natureza) são todos modos de ser do Ser (Substância). Um modo de ser finito

¹ Alegoria usada pelo mestre Machado de Assis, no livro Dom Casmurro, ao se referir à insônia.

² Vide a Metafísica de Aristóteles.

(atributos) de algo “irremediavelmente” infinito (Substância). O atributo é o elemento inteligível da substância, podemos conhecê-la através de um reconhecimento (inteligível) de seus atributos (sua essência). No fundo, há uma identidade entre potência (infinita da substância) e essência (seus atributos). Existência e Essência também são sinônimos.

A necessidade da substância se causar a si mesma é a única possível, porque a substância não pode causar algo que não si mesma. Assim, se admite apenas uma natureza e uma substância, não podem haver leis contraditórias nesta unicidade natural. Também por isso, Deus existe necessariamente.

(...) Se não pode ser dada nenhuma razão ou causa que impeça a existência de Deus ou a suprima, não se poderá absolutamente evitar a conclusão de que ele exista necessariamente. Mas, para que pudesse ser dada, deveria tal razão ou causa ser contida na própria natureza de Deus ou fora desta natureza, isto é, numa outra substância de outra natureza. Pois, se fosse da mesma natureza concordar-se-ia por isso mesmo que Deus é dado. Mas uma substância que fosse de uma outra natureza, nada poderia ter de comum com Deus e, portanto, não poderia pôr sua existência nem tirá-la. (SPINOZA, 1960, p. 21).

As coisas finitas são, portanto, afecções dos atributos divinos, são modos de ser da Substância, modos de ser de Deus.

Voltando à pergunta que eu discutia com a Musa: Como podem os entes serem? E eu tento convencer à Musa com esta resposta: Ora, qual o único modo de a Substância (Ser Eterno Supremo e Absolutamente Infinito) ser? Através, necessariamente, do seu ato: através do mundo. A natureza múltipla é tão digna de ser quanto a Substância, ou até mais digna, visto que os modos de ser não apenas são como também existem. Mas os modos de ser são modos de ser da Substância mesma. Os modos de ser são a própria substância. Então podemos equalizar a dignidade de ser do Ser Absoluto e dos entes finitos. Não há aqui nenhum tipo de relação de hierarquia transcendental, porque o Deus é imanente.

Spinoza explica a relação entre o Absolutamente Infinito e os atributos finitos:

A Substância pode ter mais de um atributo, sem que com isso haja mais de uma substância: (...) todos os atributos que a substância possui existiram ao mesmo tempo nela, que um (atributo) não pode ser produzido por outro, mas cada um exprime a realidade ou o ser da Substância. (SPINOZA, 1960, p. 20).

Podemos, assim, referir vários atributos a uma mesma substância. A Substância é composta por infinitos atributos do mundo, mas há somente uma única substância: “(...) Ora, nós existimos em nós mesmos ou em outra coisa que existe necessariamente; um Ser absolutamente infinito, isto é, Deus existe necessariamente” (SPINOZA, 1960, p. 22).

Um ente seria uma substância individual se existisse em si mesmo, mas o ente não existe em si mesmo, existe somente na substância, e como só há uma substância então tudo que é, é na substância. Existimos na substância única como seus atributos, e ela “existe” em nós porque somos sua expressão e manifestação.

A Substância só pode ser em ato através dos modos finitos de ser. Deus, pura potência (Substância Absoluta) não pode se movimentar por ser uno, exceto através do único modo possível para o movimento: numa palavra, através do múltiplo. O Uno não pode se mover de cá para lá, pois seria mister cá e seria imprescindível lá; mas não há outro, não pode haver cá e lá.

Mesmo um Ser Absoluto deve ser necessariamente definido:

Cada ser deve ser concebido sob um certo atributo e a realidade ou ser que possuir é proporcional ao número de atributos que expõem a necessidade; ou, por outra, uma eternidade, e uma infinidade; e conseqüentemente também isto: um ser absolutamente infinito deve ser necessariamente definido, um ser que é constituído por uma infinidade de atributos cada um dos quais expõe uma certa essência eterna e infinita. (SPINOZA, 1960, p. 20).

Não pode haver um Deus sem um mundo, porque o Ser, a essência de Deus são seus atributos, ou seja: o mundo. O mundo, ao contrário do que pensava Platão, é a

própria essência do Absoluto. Por ser esta uma filosofia imanentista, a “aparência” ou *dóxa* platônica é reabilitada (semelhantemente ao que ocorre em Nietzsche), é alçada, “promovida” ao *status* de realidade, não mera realidade, mas a única realidade, não realidade possível, mas realidade necessária. Neste contexto, essência e existência são termos sinônimos. De modo que atributo é essência de substância, mesmo de uma substância como *subjectum*, que sub-jaz ao ente; este *subjectum* é aquela unidade que faz com que o ente seja: é o Ser do Ente. Mas um ser infinitamente e absolutamente potente, ser potência que se atualiza na finitude dos entes.

Sobre a necessidade da existência da Substância, Spinoza observa: “Deus, isto é, uma substância constituída por uma infinidade de atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita, existe necessariamente”. (SPINOZA, 1960, p. 20).

A Substância absoluta só ganha determinação se finitizada nos modos de ser dos atributos, é através dos particulares que se revela (*alétheia*) a substância. Assim, os particulares são como que ângulos possíveis de visão do absoluto, ou perspectivas do absoluto, de maneira que nunca poderemos observar o todo num único lance de vista, nem em todos os lances de vista... O mundo sempre pode, infinitamente, ser maior do que é, mas sempre será ele mesmo, será sempre em Deus, de modo que, por maior que se torne o mundo, mesmo que infinitamente maior, ele nunca será maior que si mesmo, ou seja, será sempre um infinito “menor” que o Absoluto. Em outras palavras: O Absoluto é infinitamente potência, potência inesgotável, e por isso mesmo nada pode ser maior ou mais potente que o Absoluto. Admitir tal possibilidade seria admitir um outro, e não há outro, só há o mesmo: Não há nada lá fora...

O Absoluto é ato e potência “concomitantemente”: substância é mundo em ato, há uma relação recíproca de necessidade. Um Deus imanente à natureza e que se apresente como identidade com a natureza somente pode ser concomitantemente (*symbebikós*) à natureza.

Mas não há nada lá fora... A Substância está “dentro” do mundo e o mundo está “dentro” da Substância: há quase uma relação intrínseca, porque é próprio da Substância ser mundo, e é próprio ao mundo ser modos da Substância, através de seus atributos. A Substância é *subjectum* imanente de mundo. Substância sustenta o mundo e o mundo

realiza a Substância: mas Substância e Mundo são a mesma coisa, são o mesmo, porque não pode haver outro, não pode haver fora. Não há nada lá fora...

Um Ser que se devora a si mesmo?

A idéia de um Deus transcendente poderia dar ao ser humano algum tipo de conforto, de esperança. Tal idéia é responsável pela esperança de uma redenção, de algum tipo de salvação. Pensar que existe algo fora, algo melhor é sempre reconfortante: supor que há algo lá fora, algo além dessa miséria sem fim... Mas a vida, embora necessariamente ordinária (ou seja, é a única que temos, só há esta ordem, não há outra), não é toda desencanto. Há alguma esperança sim. A filosofia spinozana, embora anti-trágica por excelência, pois abole completamente qualquer idéia de acaso ou de finalidade, ou ainda de inevitabilidade (não se pode evitar e não se pode não-evitar), já que tudo ocorre numa relação de reciprocidade entre seres que se “causam” uns aos outros, no sentido de que os entes intramundanos (naturais todos) se entrechocam, se relacionam entre si necessariamente, pode ser tomada – a filosofia spinozana – numa perspectiva trágica se, considerarmos o trágico aqui como o não-decidível: não posso decidir meu destino, porque não há destino; mas posso reconhecer um tipo de causalidade necessária e, através do amor intelectual de Deus, alcançar felicidade e liberdade, sendo a liberdade possível ao homem este mesmo reconhecimento de seu lugar (comum) neste mundo, lugar idêntico ao de qualquer outro ente, pois sujeito às mesmas leis causais universais. Este reconhecimento é o único conhecimento verdadeiro possível.

Os entes se geram e se corrompem no seio deste universo múltiplo. Mas gerar e corromper é aqui sim um movimento trágico, trágico porque não se pode voltar atrás, porque não existe atrás... Sob a perspectiva da eternidade, as coisas não têm duração. No fundo, a Substância se gera e se corrompe a si mesma, não geração num sentido demiúrgico e transcendental, mas num sentido meramente imanente. Ou seja, a natureza é um grande animal que se devora a si mesmo no tempo e no espaço, mas por mais que se devora, tragicamente, se mantém, pois sua existência e essência são necessárias. Com outras palavras: as leis causais universais determinam que a cada efeito corresponda

uma causa. Assim, a causa “permanece” no efeito. Numa palavra: a causa é infinitamente causa (já que causa de si mesma: Substância causa Mundo; Mundo é igual a Substância; Mundo é o ato da Substância). Mundo é Substância. Um devir que se devora a si mesmo: mas é pra sempre devir, infinitamente, pois sendo a potência da substância infinita, sua determinação no eterno renascimento do mundo (natureza) é também infinito.

Numa interpretação mais radical da filosofia de Spinoza, poderíamos dizer acerca da prescindibilidade ou sobre a hierarquia que: é Deus que precisa do mundo (sua expressão), porque a rigor, Deus só é no mundo, só é (necessariamente) mundo. De modo que, se a Substância fosse para sempre apenas potência – sem se atualizar no mundo – então Deus seria nada. Obviamente Spinoza não disse isso, mas podemos, acentuando a provocação filosófica, antever uma possível inversão em relação à prescindibilidade: embora Deus seja *arquê*, é *arquê* de mundo. E assim, no fundo, o que é, é em ato, não em potência (a potência é possibilidade de ser), de modo que se o mundo não é, Deus não é. Deus só é como *subjectum* de natureza, substância de mundo. Pensando a potência num sentido aristotélico, uma possível aporia em relação à atualização da potência é a de que se um ato se realiza, realizando-se finda-se, realiza-se também a potência, e uma potência findada está pra sempre realizada (tragicamente perdida), não pode haver um novo “pontapé” para reativar o processo dinâmico (ato). Mas sem esta pura potência (*subjectum*), que subjaz à entidade (em ato), também aí há a impossibilidade do ser. Este, claro, não é o caso da potência absoluta, pois esta é potência infinita. No fundo, o Ser (substância infinitamente potente) é aquilo que faz com que o ente (mundo) seja.

Morrer para que outro venha a ser: o trágico movimento da existência. Para um ser se manter, outro precisa perecer. Um ser mata e come outro ser, somente assim – e por um breve instante chamado vida – o ser não deixa de ser. O problema é que nunca se sabe quem ou o quê será a presa ou quem ou o quê será o algoz. No fundo, todos os entes são presa e algoz ao mesmo tempo, e pior, presa e algoz de si mesmos.

Neste palco da hedionda cena autofágica, o infinito se mostra finito: o finito é o outro no mesmo e o infinito é o mesmo no outro; todas as coisas são “dentro” do finito (que é também infinito), então o finito se devora a si mesmo. Pode-se dizer que o finito

e o infinito sejam autosuficientes, já que se alimentam de si mesmos: a Substância é uma cobra comendo seu próprio rabo.

O Absoluto, substância infinita, gera e corrompe seus filhos, faz nascer e faz morrer. Faz nascer os entes (finitos no mundo) em si mesmo (no Absoluto). Ora, Deus sem mundo não é Deus. Como as partes estão “dentro” do infinito – o mundo é em Deus – na finitude, então, o ser se devora a si mesmo: eis o movimento.

A Substância se devora eternamente, mas jamais se esgotará, pois é inesgotável potência. Se houvesse uma vontade na Substância, talvez houvesse também uma falta de vontade, de modo que, em algum momento a Substância não quisesse mais ser mundo, se fazer mundo, mas ser mundo é tudo que a Substância pode ser, por uma questão de identidade, a Substância só pode ser ela mesma: Deus só pode ser Deus, e Deus somente pode ser Deus no mundo: numa palavra: Deus é Mundo.

Não há nada lá fora... Não há nada fora do mundo. Não há transcendência. Por isso não se pode fugir para fora, não se pode esconder da necessária e absoluta imanência.

O fator humano

Somos joguetes nas “mãos” de Deus sem finalidade e sem vontade? Mas, como somos expressão desse Absoluto, então somos “marionetes” submetidas a nós mesmos? Que dignidade há em ser finito? Mas, por outro lado, existe alguma outra maneira de ser, senão finito?

Na filosofia de Hegel, o herói é este tipo de marionete que, movido pelo poder do espírito do mundo, age como um “ator”, um agente motivado pela força que rege a história. Mas este herói apresenta uma vontade de agir, não é mero joguete, há uma vontade: o herói quer ser herói. Será que o herói é mesmo autônomo?

O homem se acredita livre. Na filosofia de Spinoza, assim como na de Hegel, a idéia de livre-arbítrio não é possível. Uma vontade livre (livre-arbítrio), como livre

determinação, não é possível. Livre-arbítrio é a ilusão de que o homem possa subverter as leis naturais, se colocando acima delas, subjugando seus domínios.

A crença de que haja um livre-arbítrio faz com que o homem acredite que haja uma vontade também na natureza e faz com que o homem se acredite senhor da natureza, capaz de burlar suas leis, como se isso fosse possível. Esta crença no livre-arbítrio também provoca no fator humano a falsa crença de que as leis que regem o gênero humano não sejam apenas naturais (como de fato o são), mas que o homem, também animal cultural, dispõe de tal “liberdade” (livre-arbítrio) possa subjugar as leis causais necessárias da natureza. Ora, tais leis causais necessárias da natureza são as mesmas leis necessárias a que o homem está sujeito. O homem, como tudo na natureza, está à mercê de uma realidade sem finalidade alguma, embora causada necessariamente.

A liberdade é determinação como relação causal: a substância (incausada ou causa de si) é a causa do apetite, do desejo, da liberdade, do mundo enfim. Em Spinoza, conceitos como liberdade, correspondem a algo real e objetivo, como determinação da própria substância. Há uma realidade objetiva e cognoscível em Spinoza. Um desejo ou mesmo a liberdade somente seriam livres se fossem causa de si mesmos, o que não é o caso. Desse modo, a liberdade, como não se produziu a si mesma antes de existir, então não é causa de si mesma.

Há uma forte crítica de Spinoza à superstição, sob qualquer aspecto: superstição religiosa, política ou filosófica. A superstição é uma paixão que nasce da imaginação. A imaginação, ao se sentir impotente diante da natureza, impotente para conhecer as leis causais necessárias do mundo, oscila entre o medo e a esperança: medo dos males e esperança dos bens. É a superstição humana fonte de toda dominação de massas, porque é através de uma religião ou política de massa impõe um Deus vingativo e punitivo. O próprio despotismo, aqui, é autorizado: um déspota impõe seu poder sobre os outros, oprimindo pela força do terror. (CHAUI, 1979). “A crítica da superstição leva Spinoza a negar a existência de causas finais na realidade e a redefinir a liberdade humana, não mais como livre-arbítrio, mas como consciência da necessidade” (CHAUI, Os Pensadores).

Por causa das críticas de Spinoza às idéias de liberdade (como livre-arbítrio) e de necessidade (retirando qualquer finalidade do ato divino), muitos o consideraram ateu. Mas é importante salientar, como observou Marilena Chauí, que ateu não era aquele que não acreditava em Deus, mas aquele que não acreditava no “nosso Deus”. Ora, a Substância é Deus, mas um Deus sem finalidade, não-criador, não-providente, não-humano...

O fator humano, consciência desse paradoxo que são as paixões, diante de algo grandioso, maior que tudo, se vê impotente diante do infinito, não se sente capaz de uma união “mística” com a Deus, ou seja, com a Natureza, daí o sentimento de estranhamento diante das leis naturais e do mundo, mediante o qual o homem “cria” a falsa idéia de liberdade, ou seja, se sente vontade livre, se sente detentor de um livre-arbítrio superior às leis naturais e se imagina capaz de descumprir as leis naturais, subjugando a natureza: mera ilusão. As leis da natureza humana são as leis da natureza. E a única liberdade possível ao homem, é a consciência dessa causalidade necessária das leis, ou seja, compreender a necessidade é ser realmente livre: os atos humanos, como tudo na natureza são efeitos e relações de uma lei causal necessária e universal.

A felicidade humana está relacionada ao objeto dos desejos humanos. Ora, se desejarmos coisas efêmeras nossa felicidade também será efêmera. Desejando-se o que há de verdadeiro, o Bem verdadeiro, é possível a felicidade. Um bem verdadeiro, causa de si e causa de todas as coisas é comunicável a todos. Deve-se conhecer o verdadeiro substituindo o pseudo-conhecimento pelo verdadeiro: é preciso conhecer pela causa e não pelo efeito. Conhecer pela causa é saber como algo é produzido (processo genético). Uma simples descrição das coisas é descrição de um efeito, mas a descrição do processo de criação das coisas é o conhecimento a partir de uma causa.

A idéia vigente, até então, era a idéia de adequação ou correspondência do intelecto ao objeto de conhecimento. Mas adequação exige duas coisas, exige que haja fora, que haja uma transcendência, que haja algo exterior como garantia e que separe a idéia do objeto da idéia. O que não é o caso, porque segundo Spinoza, a verdade é imanente ao próprio conhecimento, não há necessidade de nada externo que a garanta, que a sustente, porque conhecer uma coisa de maneira adequada é conhecer o modo como a coisa foi produzida: sua causa (CHAUÍ, Os Pensadores, p. 14). A idéia é a idéia

da coisa exatamente porque a idéia revela o modo de produção da coisa, revela sua causa. A idéia revela a causa, não o efeito. Mas produtor e produto são intrinsecamente unos, porque supor um Deus criador seria supor um Deus transcendente, fora deste mundo (fora de si mesmo). Pensar o contrário disso é ser vítima da superstição.

É importante lembrar que existência e essência são termos sinônimos em Spinoza.

Se conhecer é conhecer pela causa, o homem só poderá ser conhecido se forem explícitas as causas de sua essência, de sua existência e de sua ação. A causa de sua essência singular é a existência de outros homens singulares que o produzem. A causa de sua essência é Deus: o homem é uma modificação (*modus*) dos atributos divinos, pensamento e extensão. A causa de sua ação é seu desejo. É no exame do problema do desejo, das paixões e da liberdade do homem que o termo *Ética* se esclarece. (CHAUÍ, Os Pensadores).

A modificação dos atributos divinos no homem, ou seja, o homem como pensamento e extensão, significa dizer que a alma humana é a idéia do corpo, do mesmo modo que o mundo é o corpo de Deus (Substância). A Substância é a alma (imane)nte do mundo, a substância, no fundo, é um tipo de consciência do mundo, que ganante sua inteligibilidade. “A natureza humana repete de maneira finita a mesma estrutura que possui a substância infinita.” (CHAUÍ, Os Pensadores).

O fator humano, movido por uma causalidade imane)nte (interna), faz surgir as afecções da natureza humana: as paixões e as ações. Corpo e alma expressam paixões e ações, de maneira ativa ou passiva. Aqui temos a idéia de *conatus* (*conatum* = esforço): a essência do ser humano se constitui do nex) imane)nte entre um movimento corporal e um senso espiritual (movimento interno das idéias na alma). *Conatus* é esse esforço operado pelo ser humano para conservar sua existência, preservar sua entidade: poder de expansão e realização plena.

A ação do corpo e da alma fazem aumentar o *conatus* (nex) entre corpo e alma como esforço de autoconservação): apropriando-se das causas externas que aumentam o

poder de *conatus*, o ser humano se conserva. A paixão, contrário de ação, faz diminuir o nexo de *conatus*. Ação é potência e paixão é diminuição de potência.

É a partir da idéia de desejo que Spinoza une o objeto do desejo ao ato de desejar, ou seja, objeto desejado e desejo são o mesmo: há uma união entre o objeto e o próprio desejo.

O homem livre não é aquele que decide o que quer, como quer e onde quer. O homem livre é aquele que, conhecendo as leis da natureza e as de seu desejo, não se deixa vencer pelo exterior, mas sabe dominá-lo. A partir daí Spinoza definirá a essência humana pelo desejo. O desejo é a tendência interna do *conatus* a fazer algo que conserve ou aumente sua força. (...) O desejo é a causalidade humana reproduzindo no plano dos modos a atividade divina como atividade imanente. (CHAUÍ, Os Pensadores).

Do mesmo modo que a ação, a paixão também procura bens (externos) capaz de conservar o nexo corpo/alma de *conatus*, mas a paixão é guiada inadequadamente pela imaginação e a ação é guiada pela razão (intelecto). No entanto, os afetos (paixões contrárias, paradoxais por natureza), quando passam pelo crivo do entendimento se tornam ações. Ou seja, compreendendo-se genuinamente os seus afetos o fator humano os utiliza a seu favor, não se torna mais escravo deles.

Para Spinoza, é a Moral e a Religião que definem deveres, mas a ética nada tem a ver com deveres. Quem age segundo deveres, age sem autonomia, age segundo mandamentos e portanto não é livre. Em que sentido então Spinoza utiliza o termo *ética* em seu tratado? “A ética é a definição (ou apresentação genética) do ser do homem *tal como ele é*, e demonstrando *porque* o homem é tal como é. Assim procedendo, Spinoza recupera o sentido grego de *ethos*: modo ou maneira de ser”. (CHAUÍ, Os Pensadores).

A ética do ser é o modo de ser do ser. Num sentido aristotélico, o modo de ser da coisa é a natureza da coisa. O ente realiza plenamente seu ser se realiza a sua própria natureza. Ora, a natureza genuína humana se realiza através de seu intelecto, de modo que conhecer esta coisa necessária e universalmente comunicável (comunicável a todos) é conhecer a si mesmo, é processo de autoconhecimento do fator humano, uma vez que

reconhecer a necessidade é se reconhecer parte dessa natureza universal, dessa divindade substancial. Por isso a liberdade genuína no homem não pode ser a ilusão de livre-arbítrio, porque a liberdade plenamente realizada somente pode se dar como reconhecimento da verdade universal: as leis causais universais são necessárias.

Acerca do autoconhecimento do fator humano e sobre um Deus “spinozano” não-transcendente e sua identidade, portanto, com a natureza, Gleizer observa:

Seu Deus é imanente à Natureza, e o conhecimento de nossa união com ele nada mais é do que o conhecimento intelectual de nós mesmos como partes da Natureza, partes integralmente submetidas, como toda as outras, às leis causais necessárias que regem o comportamento das coisas naturais. Nesse espaço teórico dominado pelas idéias de imanência e necessidade, a exigência racionalista de inteligibilidade do real será colocada a serviço da intuição fundamental da unidade da Natureza e levada às suas últimas conseqüências. (GLEIZER, 2005).

Isso significa dizer, com outras palavras, que a idéia de uma liberdade como livre-arbítrio é impossível, porque é incompatível com a universalização das leis causais. Um livre-arbítrio seria possível se houvesse mais de uma lei, mas isso não ocorre: há uma única lei causal universal, a qual todas as coisas da natureza estão submetidas, inclusive o fator humano.

O amor intelectual por Deus, expresso na felicidade e na liberdade, nada mais é do que o conhecimento do verdadeiro. E o verdadeiro é a verdade imutável: as leis naturais são leis causais necessárias. Reconhecer esta necessidade de causação é reconhecer a única verdade inconteste: há uma necessidade de a Substância se fazer mundo, e esta necessidade se reconhece na observação da sucessão necessária de causa e efeito que se dá nas leis naturais. Assim, não há acaso, não há finalidade na atividade divina, não há providência divina, não há nem criação do mundo, não há livre-arbítrio.

A Substância imanente - da qual a natureza e nós, como parte também dessa natureza - é pura e infinita e absoluta potência, e se atualiza no mundo, na natureza. Os atos da Substância (observáveis na sucessão causal dos infinitos finitos, ou dos finitos infinitos da natureza) são, muitas vezes confundidos com o livre-arbítrio. Ora, se toda

ação, todo ato, é, a rigor, determinado pela Substância, então o livre-arbítrio é completamente impossível. A liberdade consiste em se reconhecer (o ser humano) como parte deste processo necessário, do qual somos apenas mais uma peça da engrenagem, e, através do “amor intelectual de Deus” (manifestos na felicidade e na liberdade) conhecer esta verdade irrefutável: a toda causa corresponde um efeito. Reconhecer isso é negar a idéia de livre-arbítrio. Porque a relação causal é necessária. Supor um livre arbítrio seria o mesmo que admitir que o ser humano está acima das leis naturais: o ser humano, se dotado de livre-arbítrio, poderia não apenas desobedecer às leis naturais, como também poderia se julgar superior a estas leis. O que não pode ser, considerando-se que o Homem é parte da Natureza, e, embora possuidor de uma alma que pensa, ainda assim, está sujeito necessariamente às leis causais universais.

Segundo Marilena Chauí, a *Ética* é uma ontologia universal, uma lógica e uma antropologia. Ontologia porque é uma teoria acerca do Ser; lógica porque esta teoria sobre o Ser é inteligível ao homem; é antropologia porque dá definição do fator humano.

Conclusão

Deus se atualiza no mundo; o mundo é ato de Deus, é Deus em ato. Mas dito isto, não se pressupõe a existência de um Deus transcendente, além deste mundo, pelo contrário, este Deus imanente só é enquanto atualização perene de uma potência infinita e absoluta. Deus necessariamente se faz mundo, tal necessidade deve ser cumprida, sob pena de não ser nada. Ou Deus é no mundo ou então não é. Mas ele é mundo, é natureza, e por isso o conhecemos. Conhecemos esta Substância (*subjectum*) que tudo permeia e tudo é. Tal Substância é Absolutamente Infinita, de maneira que, para que possa ser inteligida, - observada até – fragmenta-se, necessariamente, em mundo. O mundo é a realização necessária de Deus, e tal realização é o processo de atualização constante conferido nas conexões necessárias das leis da natureza (leis também necessárias). Desse modo, no fundo, leis da natureza são leis da Substância.

Não há nada lá fora, porque não há fora. Admitir algo fora seria admitir a transcendência, mas não há transcendência, há imanência.

O mundo (natureza) não é apenas modo de ser possível da Substância, mas é o único modo de ser, não possível, mas necessário. A Substância é, necessariamente, mundo. A relação causal necessária que permeia e engendra o mundo é a mesma relação de “auto-causação” da Substância; embora a Substância não crie (demiurgia) nada fora de si, há uma auto-criação no sentido de manifestação: a Substância infinita se manifesta mundo (infinitamente, mas de modo finito; ou finitamente mas de modo infinito, na multiplicidade, necessariamente). Há uma relação de reciprocidade entre Substância (potência infinita: eterno vir a ser) e mundo (ato contínuo da Substância), ato que se dá também no eterno vir-a-ser do mundo. No fundo esta tal “reciprocidade” seria melhor entendida através do termo grego *symbebikós*, à medida que Substância e Mundo, como duas faces de uma mesma moeda, se dão concomitantemente, claro, pois são a mesma coisa: mundo é substância. Uma mera reciprocidade exigiria a existência de pelo menos duas coisas que se relacionem entre si, o que não é o caso, porque só há uma coisa: o mesmo. Podemos falar de reciprocidade sim na relação necessária de dependência “mútua” entre Substância (Absoluta potência) e Mundo (ato), já que o ato, necessariamente, realiza a potência.

A Substância, una e infinita, só pode se revelar em finitos (ainda que infinitos), ou numa infinidade de finitos, como é, de fato, o mundo. Ora, se “existisse” apenas a Substância infinita, sem atributos, essa mesma substância, a rigor, não seria, não existiria de fato; só haveria a substância, ela mesma, e nada mais para exprimi-la. A substância não poderia se exprimir a si mesma. Porque sendo infinita e sendo apenas esta (uma) substância, não haveria mais nada, nem nada que a observasse. Assim, o infinito só pode ser observado se se revelar por atributos (finitos).

Deus não é uma entidade transcendente, não é um ser transcendental que criou o mundo e se manteve fora dele, o mundo é em Deus, e Deus é imanentemente Deus, e o mundo é imanentemente Deus. Deus não pode ficar de fora. Não há nada lá fora... Se Deus burlasse a necessidade e ficasse fora, então Deus seria Nada.

Se por um lado a idéia de um Deus transcendente que cria o mundo e o abandona em seguida, deixando os entes à deriva num oceano indiferente chamado vida, à mercê de si mesmos e à mercê dos outros, à mercê de um destino trágico e autofágico não é uma idéia reconfortante, pelo contrário, é uma idéia inquietante (que pode perfeitamente

despertar a “Musa de olhos arregalados” e convidá-la a nos fazer companhia). Por outro lado a idéia contrária (de um Deus imanente) pode trazer algum conforto “religioso” ou teológico, porque um Deus imanente é um Deus presente, mesmo que indiferente. A presença (*Dasein*³) de um Deus em si mesmo (mundo composto de *dasein*, de seres-aí) garante pelo menos alguma responsabilidade. Aliás, garante toda responsabilidade. Um Deus que causa a si mesmo (*causa sui*) é um Deus responsável por si mesmo. Deus não pode sair de si, porque não há nada fora de si, não há nada lá fora...

A imanência sustenta não apenas a necessidade, mas também é a própria força de *subjectum* que conecta os entes intramundanos, tecendo esta teia chamada natureza. Uma natureza imanente aniquila o destino e, juntamente com ele, bane toda transcendência: as Moiras não podem mais tecer o Destino dos homens, não há interferência externa (não há nada externo), neste sentido a tragicidade somente pode ser concebida como impossibilidade de fuga de si, impossibilidade de se subverter qualquer lei natural, as leis causais necessárias não mais podem ser subjugadas pelos ditames de um livre-arbítrio, porque livre-arbítrio não há.

Dizer que não há livre-arbítrio é, no fundo, igualar o fator humano aos outros fatores da natureza: todos são expressão de uma realidade necessariamente imanente e única.

Uma Teologia Imanentista como a de Spinoza, ao mesmo tempo em que “devolve” o mundo a Deus, “transforma” tudo em Deus: tudo é atributo da substância infinita. Mas, por outro lado, a constatação de que não somos todo-poderosos pode nos fazer cair em profundo pessimismo, porque o mundo é este e, no fundo, apesar da multiplicidade de entes, não há mudança, não mudança genuína: as leis não podem ser descumpridas nem desconsideradas, as leis pairam pesadamente sobre nós, somos submetidos necessariamente às leis da natureza, pois somos também natureza. As coisas se sucedem inevitavelmente umas às outras (neste sentido tragicamente) numa ordem terrivelmente necessária. De súbito, um reconhecimento e constatação tão intimistas me fazem estremecer e sentir medo, medo de viver pra sempre... Porque *nada mudará meu*

³ Uso aqui o conceito *Dasein*, da Filosofia de Martin Heidegger, presente no livro *Ser e Tempo*. O uso do conceito nesse texto obedece a um contexto, por isso seu uso pode soar aos especialistas de Heidegger como provocação, ou até subversão do conceito.

*mundo*⁴, tudo já está absolutamente determinado pelo Ser absolutamente e, agora, terrivelmente supremo. “Bateu” o pessimismo e um desejo profundo de que Spinoza tenha se equivocado em sua Teologia. Este sentimento aterrador que agora me toma subitamente revela em mim o fardo pesado a que o fator humano está submetido e me põe diante do mistério antropológico: o que é isso o ser humano? Somos marionetes nas mãos de um arquiteto que se projeta a si mesmo? O ser está condenado a ser eternamente, porque se nada cabe fora dele, nada poderá então, a rigor, morrer, nada poderá deixar de ser. Nada vai mudar meu mundo, não posso ser Deus: o Deus é egoisticamente Uno.

Considerações Pessoais

Sobre minha constatação imanentista, sem nenhuma pretensão poética, escrevi o seguinte poema:

Não há nada lá fora!

Porque não há fora

O mundo é a Substância – eterna Potência – em ato.

Porque só há o mesmo: não há outro

O mundo não é outro: o mundo é ele mesmo

Não há nenhum mistério lá fora

O mistério há aqui dentro: não se pode fugir de si mesmo.

Não se pode sair de si mesmo: Estamos condenados a sermos nós mesmos e sermos também o outro.

⁴ Trecho da música *Across de Universe*, dos Beatles: “Nothing's gonna change my world...”